

# PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR-PESQUISADOR EM MATEMÁTICA: ANÁLISES DE OBSERVAÇÕES DE AULA

Maria Regina Gomes da Silva\*

**RESUMO** Pretende-se, neste artigo, apresentar parte de uma Dissertação de Mestrado (SILVA, 1993)<sup>1</sup> que buscou compreender o modo de funcionamento das concepções didático-pedagógicas do professor-pesquisador em Matemática na sua sala de aula e a relação dessas concepções com as concepções oriundas da prática científica da Matemática. Optamos por apresentar interpretações de relatos de observações de aulas que mostram nossa compreensão do fenômeno focado. A análise interpretativa desses relatos apontou para a categoria: "a relação professor-aluno, não se funda no objeto de conhecimento mas no mecanicismo didático".

**PALAVRAS-CHAVE:** Aula de matemática; Relação professor-aluno; Mecanicismo didático.

**ABSTRACT** This paper intends to present a part of a master thesis (SILVA, 1993) which looks for describing and understanding how is the functioning of didactic-pedagogical conceptions of those professors who are also researchers in Mathematics, also attempting to discuss if (and how) these conceptions are related with those beliefs inherited from their scientific practice. In order to achieve its goal the article presents some interpretations from notes we collected observing the Math classroom of those professors. The convergencies resulting from the situations experienced in the classroom (which are, at least, our understanding about the focused phenomenon), led to the following category: "the relationship professor-student is not based on the object of knowledge, but in the didactical mechanicism".

**KEY-WORDS:** Math classroom; Teacher-student relationship; Didactical mechanicism.

---

\* Docente do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Bauru.

<sup>1</sup> Desenvolvida junto à UNESP, Campus de Rio Claro, sob orientação do Professor Doutor Roberto Ribeiro Baldino.

## INTRODUÇÃO

Não é difícil encontrar, no sistema escolar, professores que afirmam que o aspecto primordial no ensino da Matemática é a competência do professor em termos de seu conhecimento da matéria e que a capacitação pedagógica, reduzida à capacidade de transmitir o conteúdo matemático, tida como um dote natural, pode ser incrementada através do aconselhamento e do exemplo. Nesta mesma via, num contexto mais geral, encontram-se professores que afirmam que para ensinar Matemática, deve-se ir para sala de aula “vender seu peixe da melhor maneira possível”.

Este discurso tende a passar a idéia de que as dificuldades do ensino de Matemática resumem-se no preparo insuficiente do professor e que, para resolver, de vez, o problema deste ensino, bastaria uma boa formação matemática do professor. Tal concepção parece encontrar reforço num certo ponto de vista tido no sistema escolar segundo o qual “aprender Matemática é uma questão de talento”, distinguindo a priori os alunos que dispõem dos pré-requisitos para a aquisição dos conhecimentos ministrados.

Preocupações acerca desse possível modo de pensar a sala de aula de Matemática orientou, de certo modo, nossa Dissertação (SILVA, 1993), que buscou por professores com efetiva vivência (experiência) em pesquisa matemática e ligados ao cotidiano da sala de aula enquanto docentes. Essas características definem o que entendemos, aqui, por professor-pesquisador em Matemática, elemento fundamental dessa investigação.

Na busca de dados para a elaboração de compreensões, norteados pela pergunta orientadora: “As concepções didático-pedagógicas do professor-pesquisador em Matemática relacionam-se com seu fazer em sala de aula? Em que sentido?”, entrevistamos e observamos aulas de seis professores-pesquisadores em Matemática, que ministravam naquele dado momento, a disciplina Cálculo I. Este fato determinou a escolha dos sujeitos desta investigação.

Observamos uma aula de cada um dos professores A, B, C e F, e duas do professor E. Fizemos anotações - as mais precisas possíveis - do que ocorreu, considerando o fazer em sala de professores e alunos frente a um conteúdo matemático - taxa de variação - que escolhemos focar. Durante a entrevista, constatamos que ao professor D não pareceu importante que assistíssemos as suas aulas. Inviabilizou qualquer tentativa de observação de aula ao afirmar: “No semestre passado ministrei Cálculo I para alunos da Engenharia Agrícola. Neste semestre não estou ministrando Cálculo I. Talvez não vá ministrar, também, no próximo. Não vejo em que assistir as minhas aulas pode ajudar no seu trabalho”.

Neste artigo optamos por apresentar as interpretações do que julgamos como invariantes em todas as aulas observadas. A análise-interpretativa nos permitiu chegar